

editorial  
editorial  
entrevista  
interview  
ágora  
agora  
tapete  
carpet  
projeto  
project

expediente  
credits  
próxima v!rus  
next v!rus

**V!23**  
REVISTA V!RUS  
V!RUS JOURNAL

issn 2175-974x  
dezembro . december 2021



ÁGORA  
AGORA

AS CIDADES DO SUL GLOBAL COMO REFERÊNCIAS GLOBAIS DO COLAPSO  
THE CITIES OF THE GLOBAL SOUTH AS GLOBAL REFERENCES OF COLLAPSE  
THIAGO CANETTIERI

PT | EN | PDF

**Thiago Canettieri de Mello e Sá** é geógrafo e Doutor em Geografia. É Professor do Departamento de Urbanismo da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e membro dos grupos CRISES - Crítica, Sociedade e Espaço, e TRAGÉDIA - Trabalho, Geografia e Dialética. É autor do livro "A condição periférica" (Consequência, 2020) e tem experiência na área de Geografia Humana, atuando principalmente nos seguintes temas: Crítica da Economia Política, Produção do Espaço Urbano, Periferias, Teoria Crítica, Financeirização, Crise, Neoliberalismo, Migração e Pobreza. thiago.canettieri@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/3665851659436861>

Como citar esse texto: CANETTIERI, T. As cidades do Sul Global como referências globais do colapso. **VIRUS** n. 23, 2021. [online]. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus23/?sec=4&item=3&lang=pt>>. Acesso em: dd/mm/aaaa

ARTIGO SUBMETIDO EM 15 DE AGOSTO DE 2021

## Resumo

Com a generalização do colapso da modernização, as cidades do Sul Global passaram a ser consideradas como referências explicativas do processo de urbanização de todo o mundo. Neste ensaio, com base em uma reflexão teórica desenvolvida com ampla revisão bibliográfica sobre teoria social crítica, pretendemos abrir uma discussão para pensar tal processo. Exploramos como essas cidades foram se transformando em referências, tanto quanto em objeto de reflexão a respeito dos processos que ocorrem nas cidades do Norte Global, constituindo-se como um novo parâmetro da atual produção social do espaço, sugerindo a ideia de condição periférica como resultado da crise do capital. Na sequência, apresentamos as causas e consequências desse processo, que conduzem à reconfiguração do padrão de relação entre centro e periferia. Diante de tal situação, percebemos que a periferia se tornou o índice da atual reprodução crítica do capital. Desenvolvemos, aqui, o argumento do Sul Global como referência do mundo, índice do fenômeno de colapso que vivemos.

**Palavras-chave:** Condição periférica, Crise do capital, Colapso da modernização

## 1 Introdução

Este texto é um breve ensaio que pretende abrir uma discussão. Nosso objetivo com ele é apresentar, em linhas gerais, o processo pelo qual as cidades do Sul Global se tornaram uma referência para o futuro de todas as cidades, não por suas potencialidades ou inventividades – pelo contrário. Trata-se de um modelo negativo,

no sentido dialético do termo. O Sul anuncia o futuro do mundo, que se desvela no elevado grau de desintegração social. Para tanto, abordamos o problema proposto com base em uma ampla revisão bibliográfica, buscando ressaltar que, para diferentes teóricos, as cidades do Sul Global se tornaram a referência da urbanização planetária, exatamente porque é nele que estão sintetizados e expressos os efeitos do colapso do capital. Nosso argumento se baseia em uma leitura crítica de Marx que descreve uma crise iminente do capital responsável por, em seu próprio desenvolvimento, produzir as condições de sua desubstancialização. Essa realidade, de imposição da sociedade do trabalho sem o seu pleno desenvolvimento, sempre esteve presente nas cidades do Sul e, agora, se generalizam.

Por exemplo, Rem Koolhaas (2001, p. 625, tradução nossa), o arquiteto-estrela, escreveu: “Lagos é um paradigma para o futuro de todas as cidades”. Em especial as cidades dos países periféricos, que foram colonizados no momento do primeiro capitalismo, passaram a informar as formas urbanas que começaram a aparecer nas cidades do capitalismo central. Como escreveu o urbanista italiano Bernardo Secchi (2019, p. 55), “algumas cidades da América Central e do Sul se tornaram representações claras do resultado de processos de distinção e de exclusão/inclusão social” que ocorrem em todo o mundo e, adiciona o urbanista, o futuro da Europa “[...] pode estar ali escondido”. Nessa mesma direção, o geógrafo inglês Stephen Graham (2010, p. 16-17, tradução nossa) percebeu que “os modelos explicitamente coloniais” desenvolvidos e aperfeiçoados nas ruas do Sul Global agora estão sendo “difundidos para as cidades do coração capitalista no Norte”. Mike Davis (2004, p. 7, tradução nossa) identificou essa tendência e afirmou que as favelas, expressões tão características da urbanização dos países periféricos, “embora mortais e inseguras, possuem um futuro brilhante” – afinal, segundo o relatório do Observatório Urbano das Nações Unidas citado pelo autor, até 2040 ao menos metade do crescimento urbano mundial ocorrerá em formas semelhantes às da favela.

O urbanista Agostino Petrillo (2021, p. 12, tradução nossa), em um recente texto, observa que a periferia não é mais o que costumava ser: suas formas próprias agora se manifestam em outros lugares. De acordo com o autor, a “periferia cresceu e atacou centros estabelecidos”<sup>1</sup>. Até mesmo a Alemanha, pérola do desenvolvimento da União Europeia, se vê às voltas com processos de periferização [*Peripherisierung*], indicando a situação de degradação das condições de vida, a escassez do trabalho e a sua precarização, além do declínio da participação política dos indivíduos nas estruturas institucionais criadas historicamente, resultando numa massa marginalizada (BERNT, LIEBMANN, 2013). Türcke (2005, p. 78) revela que, neste momento, é “o Terceiro Mundo que serve de modelo ao Primeiro”. O resultado é o descrito por Robert Kurz (1991, p. 16, tradução nossa): “O futuro da Alemanha é possivelmente a ‘beirutização’ de Berlim”<sup>2</sup>.

Em seu texto sobre a analítica da colonialidade e decolonialidade na arquitetura, Leo Name (2021, p. 5) constata: “teorias e referências a cidades, paisagens, arquiteturas, tecnologias, linguagens e estilos se situam em outros lugares, mormente parte da Europa e dos Estados Unidos”, ou seja, no Norte. No entanto, diante das citações coletadas no parágrafo anterior, podemos sugerir que talvez os sinais estejam trocados. Já desde muito tempo existe a percepção de que as cidades do Sul são referências para a urbanização que está acontecendo no Norte Global – percepção que aparentemente partiu primeiro de intelectuais que não estão filiados ao então chamado giro decolonial. Trata-se de tomar o Sul como nome para pensar no diagnóstico do colapso.

Claramente, o movimento pelo qual os teóricos do Norte Global assumem as referências do Sul para compreender suas cidades não vem de qualquer epifania esclarecida, mas da efetividade de um processo que se impõe planetariamente – embora não ocorra objetivamente em escala mundial de uma só vez. O processo que ora analisamos se deixa entrever apenas como tendência e, claro, não se trata de uma tendência contínua, mas descontínua no tempo e no espaço, com diferentes forças contra-atuantes que o freiam. Entretanto, ainda assim, cremos que é possível, mesmo que categorialmente, compreender esse processo que vem se formando e consolidando em todo o mundo – processo esse que chamamos de um devir-periferia do mundo (CANETTI, 2020).

Tal situação já não é mais passível de ser escondida. Enzensberger (2003) apresenta reportagens de jornais que descrevem situações catastróficas: “Reportagens do terceiro mundo, conforme as podemos ler todos os dias ao café da manhã”. Conforme o autor, “Só os nomes dos lugares é que são alterados. Na verdade, os cenários onde ocorrem não são Luanda e Colômbia, Monróvia e Sri Lanka, e sim Roma, Frankfurt, Berlim e Atenas.” Nem mesmo as mídias capitalistas globais conseguem deixar de anunciar a generalização da periferização, como o aumento alarmante da pobreza nos Estados Unidos, resultando na explosão dos *homeless*<sup>3</sup>; o retorno das favelas da época vitoriana em Londres<sup>4</sup>; ou o surgimento de acampamentos precários no coração de Paris<sup>5</sup>.

No caso, os países que foram submetidos à barbárie da colonização receberam o caos sistêmico gerado pela instituição do moderno sistema produtor de mercadorias. Não por acaso, este lado do Atlântico foi, de

acordo com Paulo Arantes (2014, p. 304), concebido como um negócio, “não um negócio qualquer, mas o elo mais violento e rentável da cadeia produtiva da Acumulação Primitiva” – a barbárie social, assentada na violência nua e crua, impediu a formação de uma sociedade aos moldes dos colonizadores, que se percebiam animados pelo espírito do progresso e pelos representantes universais da civilização.

As periferias – e as periferias dos países periféricos – se formaram como espaços produzidos pela lógica de externalização (LESSENICH, 2016) da anomia social resultante das contradições internas da reprodução ampliada do capital. Todavia, com um mundo de extensões limitadas à externalização, não poderiam se perpetuar indefinidamente. Mantida a contraditória dinâmica da valorização do valor, não tardou para as irracionalidades do sistema brotarem no centro dinâmico. Dessa maneira, poder-se-ia dizer: a condição periférica se universalizou (CANETTIERI, 2020) e, com isso, “o centro orgânico do sistema começa a se periferizar” (ARANTES, 2019, s.p., tradução nossa)<sup>6</sup>. Essa situação obriga a uma reconfiguração da percepção da relação entre centro e periferia. Eles já não se constituem como esferas separadas e antagônicas, mas formam uma espécie de *continuum* negativo que é amalgamado pelo signo da periferização completa da sociedade.

## 2 As cidades do Sul Global como referências do colapso

Estranhamente (ou não), as cidades do Sul Global são tomadas como referência para interpretar a urbanização europeia e norte-americana exatamente no momento em que, como notou Donzelot (1999, p. 7, tradução nossa)<sup>7</sup>, “a cidade já não produz sociedade”. O aumento da violência e de sua contraparte, a gestão punitivo-carcerária; a precarização do trabalho e das formas de morar; a inclusão cidadã deteriorada; a profunda segregação e uma vida urbana danificada são características que se acreditou, por muito tempo, serem exclusividade dos países do Sul. Contudo, como vimos, tornaram-se paulatinamente uma chave de interpretação da urbanização planetária. Se, durante muito tempo, o achatamento das diferenças da vida urbana foi denunciado sob o insustentável peso da modernidade, seu colapso leva à homogeneização por uma nova condição: a condição periférica (CANETTIERI, 2020).

Vale, aqui, remeter à interpretação de Bruno Lamas (2007) sobre a constituição da cidade. Para o autor, apoiado na crítica do valor-dissociação, a urbanização decorrente do processo industrial é resultado da busca incessante do valor por efetivar sua autovalorização. As demandas objetivas do sujeito abstrato, transmutado no gigantesco “monstro mecânico, cujo corpo ocupa fábricas inteiras e cuja força demoníaca, inicialmente escondida sob o movimento quase solenemente comedido de seus membros gigantesco [e que] agora irrompe num turbilhão furioso e febril de seus incontáveis órgãos de trabalho” (MARX, 2013, p. 455), são o que orientam e presidem o processo de urbanização. Dessa maneira, a sociedade decorrente da metafísica social da valorização do valor, que se reproduz a partir do processo de objetivação da riqueza abstrata em mercadorias, imprime às formas de organização humanas uma dinâmica própria – a urbanização está dentro desse registro.

Porém, a situação da crise reconfigura esse quadro. Como bem demonstra Marx em sua *Crítica da economia política*, o capital é uma forma de agenciamento cego que carrega, dentro de seu impulso de valorização, a necessidade de sua própria dissolução. A irracional busca pela valorização se transforma em colapso. Já não é nenhum descalabro perceber a crise, que se manifesta de diferentes formas, entre elas a crise nas cidades, a crise das cidades. A dessubstancialização das formas historicamente específicas de mediação social, a sua dissolução, leva consigo os próprios critérios de validade que permitiam a promessa de emancipação própria das cidades, como gostaria o provérbio da baixa Idade Média: “O ar da cidade liberta”. As cidades, cujo crescimento e organização eram orientados pela valorização do valor, agora são espaços do colapso. O cheiro de ferrugem impregna o ar, a sociedade do trabalho sofre um derretimento histórico e as promessas de emancipação não são mais do que um horizonte evanescente.

A bem da verdade, entretanto, a cidade moderna em sua manifestação periférica nunca inspirou liberdade. Criadas a partir da extensão da colonização, por aqui a cidade não formou sociedade alguma, mas um ajuntamento de sociedade desamalgamada, mantida coesa pela pressão violenta e bruta que acossa os corpos e os coloca para trabalhar, mesmo quando já não há mais trabalho. A cidade da colonialidade é o exemplo do regime de exceção. Como bem sabem os oprimidos, a exceção é a regra. Essa característica das cidades do Sul Global, a saber, a manifestação da desagregação societária, é o que faz com que possam ser tomadas como referência para os países do Norte Global. Afinal, nelas o colapso da sociedade do capital já se mostra mais desenvolvido. Como assinala Robert Kurz (1991), o colapso do moderno sistema produtor de mercadorias avança da periferia em direção ao centro. É, portanto, na condição periférica que está exposto com maior evidência – e por isso as periferias podem ser tomadas como unidades explicativas sintéticas – o atual estágio de desdobramento das contradições internas do capital. Trata-se de uma inflexão da planetarização do capital. Durante muito tempo, a planetarização do capital parecia emanar como ondas de

modernização irradiando dos centros em direção às periferias. Agora, a situação de precariedade avança, como um cerco, das periferias em direção aos centros.

### 3 Autópsia do colapso

Não se trata de especulação. O colapso do valor já é manifesto. Para compreender tal processo, é preciso fazer uma autópsia do valor e colocar seu corpo sob análise; corpo esse que, embora já sem vida, orienta os esforços de uma sociedade planetária em derrocada<sup>8</sup>. A autópsia revela as causas da bancarrota. Quem primeiro identificou essa situação foi Karl Marx (2013). Ao detectar a contradição interna que movimenta o moderno sistema produtor de mercadorias, Marx pôde desvendar o “segredo do capital”. O alemão, ainda no século XIX, observou que o capital é tal qual o espírito absoluto em processo: um movimento automático e tautológico, orientado por um fim em si mesmo. Em seu percurso, que pula de forma em forma sem nunca se perder nos tortuosos caminhos, “o ciclo dinheiro-mercadoria-dinheiro (D-M-D) parte do extremo do dinheiro e volta, finalmente, ao mesmo extremo”. E assim se pode reiniciar novamente o círculo vicioso. O único objetivo, assevera Marx, é tão somente a acumulação autorreferente de mais-do-sempre-mesmo. Trata-se, obviamente, de um sistema expansivo – contradição patente no mundo de hoje, quando o impulso de expansão em infinito choca-se com os limites dos recursos finitos de um mundo já em exaustão. Contudo, esse é um limite externo à lógica do capital que não é de menor monta para a compreensão do colapso. Há, em adição a esse, um outro limite, que se expressa de maneira combinada com o anterior: trata-se de um limite interno e absoluto do valor (KURZ, 2014). Em sua dinâmica de reprodução ampliada, o capital coloca as barreiras e os limites para a sua continuidade (MARX, 2011).

Marx, em sua descoberta do *mais-valor* e da exploração do trabalho sob o comando do capital, acredita que há duas únicas possibilidades para a expansão da base de valor no sistema. A primeira estratégia é a que o autor chama de *mais-valor absoluto*. Ele se refere, assim, à expansão da jornada de trabalho e, portanto, ao tempo de trabalho excedente, enquanto o tempo de trabalho necessário – a parcela da jornada de trabalho que corresponde aos custos de reprodução do próprio trabalhador – permanece inalterado. No entanto, tal estratégia tem um limite objetivo: não se pode estender a jornada de trabalho a limites que tornariam impossível a exploração no dia seguinte. Portanto, a segunda saída é a que Marx identifica como a verdadeira tendência de universalização do capital: o *mais-valor relativo*. Por meio de saltos de produtividade do trabalho propiciados pelo desenvolvimento tecnológico e pela aplicação produtiva da ciência, acaba-se comprimindo o tempo de trabalho necessário, pois, num período de tempo menor, o trabalhador produz o suficiente para a sua própria produção e, com isso, faz expandir o tempo de trabalho excedente. Mas tal dinâmica revela a contradição interna do capital: ao mesmo tempo em que se desenvolvem as forças produtivas, orientadas para aumentar a produtividade do trabalho e, assim, expandir o tempo de trabalho excedente, tem-se a eliminação de trabalho vivo dos circuitos produtivos. Sendo o trabalho, como escreve Marx, a substância do valor, tal processo de expansão é, ao mesmo tempo, um processo de dessubstancialização. Essa tendência – que Marx previu no século XIX – atingiu proporções inéditas com a Quarta Revolução Industrial, com a microeletrônica, a robótica, a programação computacional e a generalização da automação.

A expansão do capital é uma necessidade intrínseca dessa forma social tautológica. Todavia, essa expansão só pode ocorrer de forma histórica e, à medida que avança, seu próprio desenvolvimento coloca um limite [*Schranke*] imanente e absoluto à sua reprodução (KURZ, 2018). Há uma relação contraditória entre a expansão da exploração e a expansão da produção de mais-valor. Karl Marx, no terceiro livro d’*O Capital*, escreve:

Já está demonstrado – e isso constitui o verdadeiro segredo da queda tendencial da taxa de lucro – que os procedimentos para a geração de mais-valor relativo desembocam, em geral, no seguinte: por um lado, converter em mais-valor a maior quantidade possível de dada massa de trabalho; por outro, empregar, em proporção ao capital adiantado, a menor quantidade de trabalho em geral, de modo que os mesmos motivos que permitem aumentar o grau de exploração do trabalho impeçam que com o mesmo capital total se explore tanto trabalho quanto antes. São essas as tendências antagônicas que, enquanto atuam para uma elevação da taxa de mais-valor, promovem simultaneamente a diminuição da massa do mais-valor gerado por um capital dado e, assim, a queda da taxa de lucro (MARX, 2017, p. 272).

Dessa maneira, o capital, para continuar acumulando, deve ampliar a base da exploração do mais-valor relativo cujo desenvolvimento implica a eliminação do trabalho produtivo imediato. Ou seja, o processo de acumulação já não pode mais ser compreendido como infinito. Há uma processualidade histórica que coloca um limite histórico e absoluto ao processo de reprodução ampliada do capital. Com o desenvolvimento

histórico da expansão do capital, seu processo de reprodução encontra obstáculos que impedem absorver novo trabalho produtivo e, assim, torna supérflua parte da população trabalhadora.

Tem-se, portanto, a produção em escalas crescentes de uma massa de inempregáveis, no neologismo do nosso presidente-sociólogo tucano. Já não se trata de superpopulação relativa, como identificou Marx, mas de sobrantes que estruturalmente já não podem ser mais incluídos. Os efeitos dessa situação são vários e acertam o âmago do moderno sistema produtor de mercadorias, visto que o trabalho não é uma mera abstração. Sua existência é, como demonstra Marx, propriamente social, o que significa reconhecer que desempenha um papel de mediação social. A existência social dos indivíduos só pode se realizar por meio da forma-mercadoria, mesmo que a única mercadoria que se tenha disponível seja sua própria força de trabalho. Com a venda dessa mercadoria, o indivíduo vai ao mercado para adquirir as outras mercadorias necessárias para a sua reprodução material e, dessa maneira, toda a sociedade se encontra encadeada pela produção, circulação, troca e consumo de mercadorias.

Mas, com a contradição inerente do capital, essa forma historicamente específica de mediação se danifica e, à medida que avança o colapso, o laço do trabalho entra em declínio e já não pode desempenhar a função de amalgamar a sociedade. Em seu momento de constituição, o capital logrou se impor como um fato social total e, assim, transformou a todos em sujeitos monetários – a reprodução material da vida só é possível na medida em que está condicionada à mobilização do dinheiro. Por outro lado, porém, o capitalismo, em seu processo de desenvolvimento, destruiu as condições objetivas de efetivação da existência monetizada. O resultado: produz-se a estranha condição de “sujeitos monetários sem dinheiro” (KURZ, 1991).

Tal situação não era desconhecida da vida periférica. Pelo contrário, por conta da específica formação social e econômica desses territórios a partir de um engate subalterno na planetarização do capital, boa parte da população carece de dinheiro para se realizar efetivamente como sujeitos reconhecidos nessa forma social. O interessante a se notar é que esse colapso, o da modernidade, já estava inscrito na vida periférica desde sempre. Na verdade, a interdição, na modernidade, na periferia foi condição para o desenvolvimento das formas sociais do capital. Mas, em seu bailado contraditório, esse modo de vida já colapsado da periferia não é mais sua exclusividade. Agora se estende também sobre o centro. Essa condição periférica que se alastra é, então, decorrência do desdobramento das contradições do capital. No lugar da socialização pelo trabalho, passam a existir formas regressivas de “dessocialização catastrófica” (KURZ, 2014) que já estavam em curso nos espaços periféricos. O colapso da sociedade do trabalho, portanto, não faz emergir formas sociais de emancipação, mas deriva no aviltamento social generalizado. Potencialmente, todos os indivíduos se tornam desnecessários para a acumulação de capital, que, uma vez automatizada, produz uma enorme coleção de mercadorias sem, no entanto, implicar acumulação de valor, e só pode se reproduzir sob a forma fetichista e exteriorizada do capital fictício.

#### **4 Sul e Norte no espelho do colapso**

O colapso obriga ao reordenamento das definições de centro e periferia, de Sul e Norte Global. A crise interna do capital que conduz à sua própria dissolução sem, todavia, significar sua destituição, leva à redefinição das antigas categorias explicativas. Para entender o colapso, é preciso compreender seus efeitos sobre a sociedade. Dessa forma, durante o tempo de formação da sociedade do trabalho, o conflito social esteve descrito na chave da integração. Alain Touraine (1991) afirma que tal integração, embora conflituosa, criou um terreno comum: o trabalho. E nesse terreno se formou a consciência de classe e a gramática da ação política. Na atual conjuntura da presença inequívoca da crise, entretanto, os excluídos já não podem ser integrados. Touraine (1991) constata, assim, que a máquina de integração urbana, que por um tempo presidiu a gestão simbólica da política durante boa parte do século XX, foi definitivamente quebrada. A desconstrução da sociedade do trabalho coloca, portanto, as sociedades periféricas como o modelo explicativo dessa fratura. As periferias nunca tiveram a sorte da integração completa – ou, mais precisamente, sempre estiveram sujeitas à integração negativa (ARANTES, 2004).

Lefebvre (2016) usa a expressão sociedade burocrática do consumo dirigido para se referir à realidade do pós-guerra nos países europeus. A forma de organização do capitalismo europeu da segunda metade do século XX permitiu o desenvolvimento, não sem contradições próprias, de um regime de acumulação baseado na integração pelo trabalho no qual os trabalhadores efetivamente eram integrados. Como tentamos argumentar, essa expressão do capitalismo foi limitada no tempo e no espaço. Nem mesmo no pós-guerra essa integração foi garantida nos países periféricos. Na verdade, a condição de possibilidade da existência dessa forma de organização nos países centrais era a exploração das periferias. Mas, ao passo que a contradição do capital se desenvolve, a sociedade burocrática do consumo dirigido deixa de existir e dá lugar a uma forma característica das periferias: a sociedade securitária do colapso administrado (CANETTIERI, 2020).

Segundo Marildo Menegat (2021), foi ficando claro que o atraso que caracterizou a interpretação ilustrada dos países periféricos não era a lentidão de formas pretéritas na linha evolutiva, mas uma especificidade que fundiu, em uma única realidade, “o que havia de pior no capitalismo, sem nunca ter participado do seu (fraco) processo civilizatório”; afinal, a teoria crítica já havia descoberto que por trás dos panos do esclarecimento civilizatório existia muita barbárie – só que, durante um tempo, ela pôde ser externalizada. Agora não é mais possível. A realidade da periferia apresenta o movimento tendencial da totalidade concreta da crise. “No colapso da periferia reside a verdade do capitalismo” (MENEGAT, 2021, s.p.). Não é por menos que, para falar da “erosão da política e da sociedade”, Ulrich Beck (2000, p. 82) se refere à “brasilianização do ocidente”. É a periferia, é o Sul Global que dá os critérios para compreender o mundo.

Com o colapso, a condição periférica se torna o indicativo do horizonte de expectativas de todo o mundo. Assim, escreve Hochuli (2021, s.p.), “o Sul e o Norte globais não são mais, portanto, avatares do passado e do presente, com o primeiro lentamente alcançando o segundo, mas agora parecem existir na mesma temporalidade”, em um presentismo sufocante que faz deflacionar as expectativas em relação ao futuro (ARANTES, 2014). O cenário hoje é o oposto do que a ideologia do fim da história concebeu: esperava-se que o Sul viria gradualmente a se assemelhar ao Norte, impulsionado pela sua pacificação e pelo seu desenvolvimento<sup>9</sup>. Entretanto, são os países de capitalismo central que, com o desenvolvimento da crise do capital, passam a se assemelhar cada vez mais às sociedades do capitalismo periférico e a suas formas sociais incompletas – afinal, boa parte das formas sociais autóctones foram destruídas para a imposição da lógica da mercadoria sempre em frangalhos, já que a constante superexploração violenta vinda dessa integração da desintegração sempre foi uma necessidade do sistema-mundo.

Isso significa, por conseguinte, que a periferia se torna um prisma capaz de refletir o mundo, “[...] sendo frequentemente um sintoma privilegiado, se assim podemos falar, da crise aguda que o sistema capitalista está atravessando em todas as suas dimensões” (ARANTES, 2019, s.p., tradução nossa)<sup>10</sup>. Cada vez mais esses sintomas aparecem de maneira generalizada por todo o corpo social, porque há um devir-periferia do mundo. É preciso expor o estado paradoxal para tentar apreender a realidade. As categorias centro-periferia são categorias relacionais, mas, aqui, queremos expor e levar até às últimas consequências o caráter paradoxal da periferização do mundo. É exatamente este tornar tudo periferia que revela o momento de verdade das formas sociais do capital em crise. Esse colapso, que sempre existiu nas periferias, esteve inscrito em seu núcleo desde sempre, e somente agora se tornou explícito.

O que queremos sugerir pode parecer contraintuitivo: o núcleo da sobrevivência do capital em crise está na disseminação da condição periférica. A periferia se metamorfoseia, ocupando a posição que o centro normalmente ocupava: o centro foi o horizonte de expectativa das periferias, que almejavam alcançar seu patamar. O ponto agora é o inverso: a periferia, marcada pela precariedade, é o que parece indicar o futuro próximo do centro. Não são as periferias que estão atrasadas, sempre correndo atrás da história, mas, ao contrário, não só experimentam primeiro os processos sociais, mas indicam os que constituem o núcleo da reprodução crítica do capital (CANETTI, 2020). Por isso a referência para entender o colapso é o Sul.

## **5 Considerações finais**

O desenvolvimento do Capitalismo é, por certo, o desenvolvimento de suas contradições internas que vão se generalizando. Henri Lefebvre (2016) sabia que não se tratava de contradição apenas entre capital e trabalho na fábrica, como boa parte do marxismo pensou – e ainda pensa. As contradições agora estão no espaço social inteiro, cada vez mais generalizadas. A principal, de nossa perspectiva, é a generalização da precariedade, resultado da dissolução do mundo do trabalho como conhecíamos. O desenvolvimento das forças produtivas poderia muito bem prover conforto material para todos, no entanto aumenta a contagem daqueles supranumerários, que perecem da mais crassa necessidade. A forma-periferia estende-se e cobre todo o mundo com sua sombra, pois essa é a forma mesma da produção capitalista do espaço no seu momento crítico.

O estado avançado de putrefação das formas sociais faz chegar a dessocialização catastrófica até nos chamados países centrais. Acompanhando o rebaixamento das condições materiais de vida, ao passo que descem até o subsolo da civilização moderna, o poder punitivo e a violência são, por sua vez, ascendentes e exponenciais. Conforma-se, a partir daí, um paradigma gestor de exceção. Tornam-se rotina expedientes de exceção. O regime de urgência instaurado pelo novo tempo do mundo explica e justifica a violência como forma de administração do mundo como barbárie. É nessas condições que as cidades do Sul Global foram se transformando em referências, tanto como em objeto de reflexão a respeito dos processos que ocorrem nas cidades do Norte Global, constituindo-se como um novo parâmetro da atual produção social do espaço, sugerindo a ideia de condição periférica como resultado da crise do capital que se generaliza.

## Referências

- ARANTES, P. A fratura brasileira do mundo: visões do laboratório brasileiro da mundialização. In: ARANTES, P. (Org.). **Zero à esquerda**. São Paulo: Conrad Editora, 2004.
- ARANTES, P. **O novo tempo do mundo**: e outros estudos sobre a era de emergências. São Paulo: Boitempo, 2014.
- ARANTES, P. L'autre sens: une théorie critique à la périphérie du capitalisme. (Entrevista). **Revue Variations**, n.22, s.p., 2019.
- CANETTI, T. **A condição periférica**. Rio de Janeiro: Consequência, 2020.
- COELHO, L. F. A lenda castelhana: leituras de El Cid. **Revista Cadernos de Clio**, v.1, p.82-88, 2010.
- BECK, U. **The brave new world of work**. Cambridge: polity, 2010.
- BERNT, M.; LIEBMANN, H. **Peripherisierung, Stigmatisierung, Abhängigkeit**: Deutsche Mittelstädte und ihr Umgang mit Peripherisierungsprozessen. Berlin: Springer, 2013.
- DAVIS, M. Planet of Slums, **New Left Review**, n.26, p. 1-23, 2004.
- DONZELOT, J. La nouvelle question urbaine. **Esprit**, novembro de 1999, p. 87-115, 1999.
- ENZENSBERGER, H. **Ziguezague: ensaios**. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- GRAHAM, S. **Cities under siege**: the new military urbanism. London: Verso Books, 2010.
- HOCHULI, A. The Brazilianization of the World. **American Affairs Journal**, v.5, n.2, s.p, 2021.
- KOOLHAAS, R. **Lagos**: How it works. Nova York: Lars Müller Publishers, 2001.
- KURZ, R. **Der Kollaps der Modernisierung**: vom Zusammenbruch des Kasernensozialismus zur Krise der Weltökonomie. Leipzig: Reclam, 1991.
- KURZ, R. **Dinheiro sem valor**: linhas gerais para uma transformação da crítica da economia política. Lisboa: Antígona, 2014.
- KURZ, R. **Crise do valor de troca**. Rio de Janeiro: Consequência, 2018.
- LAMAS, B. A explosão da cidade e a trajetória do capitalismo. In: Imprópria (Org.). **Pensamento crítico contemporâneo e a cidade**. Lisboa: Unipop, 2007.
- LEFEBVRE, H. **Espaço e política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.
- LESSENICH, S. **Neben uns die Sintflut**: Die Externalisierungsgesellschaft und ihr Preis. München: Hanser Berlin, 2016.
- MARX, K. **Grundrisse**: esboço para a crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MARX, K. **O Capital**: Crítica da economia política. Livro I. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARX, K. **O Capital**: Crítica da economia política. Livro III. São Paulo: Boitempo, 2017.
- MCNAMARA, R. **A essência da segurança**. São Paulo: Ibrasa, 1969.
- MENEGAT, M. As epístolas de Paulo aos seus discípulos. **Revista Cult**, v. 272, p. 31-35, 2021.
- NAME, L. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões espaciais básicas em arquiteturas. **Revista Pós FAUUSP**, São Paulo, v. 28, n. 52, p. 1-12, 2021.

PETRILLO, A. **La periferia non è più quella di un tempo**. Roma: Bordeaux, 2021.

SECCHI, B. **A cidade dos ricos e a cidade dos pobres**. Belo Horizonte: yiné, 2019.

TOURAINÉ, A. Face à l'exclusion. In: DONZELOT, J. (Org.). **Face à l'exclusion**: le modèle français. Paris: Edition Esprit, 1991.

TÜRCKE, C. O informal em Adorno. In: DUARTE, R. (Org.). **Theoria Aesthetica**: em comemoração ao centenário de Theodor Adorno. Porto Alegre: Escritos, 2005.

---

**1** Do original em italiano: "*La periferia cresceva, aggrediva i centri consolidati*".

**2** Do original em alemão: "*Deutschlands Zukunft ist womöglich die Beirutisierung Berlins*".

**3** Ver reportagem do jornal The Guardian, de 31 de maio de 2017: *Homelessness jumps to record-breaking level*.

**4** Ver reportagem do jornal The Guardian, de 16 de janeiro de 2018: *The victorian slums are back*.

**5** Ver reportagem do jornal Le monde, de 19 de outubro de 2017: *Ces 570 bidonvilles que la France ne veut pas voir*.

**6** Do original em francês: "*le centre organique du système qui a également commencé à se périphériser*".

**7** Do original em francês: "*la ville ne produit plus de société*".

**8** Conta a lenda que o cavaleiro Rodrigo Diaz, El Cid, era temido pelos mouros por ter comandado um grande exército durante os primeiros anos do século XI. Em 1094, tomou a cidade de Valência, de onde foi governante. Em 1099, El Cid morreu na cama de seu castelo. Os mouros ficaram confiantes com a notícia e levantaram cerco contra Valência. Sua esposa mandou vestir a armadura no cadáver, amarrar seu corpo ao cavalo e prendeu a espada em seu braço sem vida. O morto cavalgou contra o exército mouro, que fugiu ao avistar a imagem do cavaleiro, tendo sido perseguido e derrotado pelo exército de Valência (COELHO, 2010). No nosso caso, o valor ocupa o lugar de Rodrigo Díaz – já é algo dessubstancializado – e, no entanto, ainda segue organizando a vida social, com devotos seguindo-o. Contudo, é bem provável que uma sociedade que siga seu paladino falecido sobre o cavalo não tenha a mesma sorte que as tropas valencianas.

**9** Não é coincidência alguma que esses termos apareçam juntos. Não se trata de delírios de um pretenso crítico social – basta lembrar de Robert McNamara (1969, p. 178), que serviu como secretário de Defesa dos Estados Unidos durante a Guerra do Vietnã e, depois, foi, por mais de dez anos, presidente do Banco Mundial, onde foi responsável pelo desenho dos programas de ajuda e suporte aos países em desenvolvimento. Em suas próprias palavras: "Quando os privilegiados são poucos e os desesperados pobres são muitos, e quando o fosso entre os dois grupos se aprofunda em vez de diminuir, é apenas uma questão de tempo até que seja preciso escolher entre os custos políticos de uma reforma e os custos políticos de uma rebelião. Por esse motivo, a aplicação de políticas especificamente direcionadas a reduzir a miséria dos 40% mais pobres da população dos países em desenvolvimento é aconselhável não só como questão de princípio, mas também de prudência. Justiça social não é simplesmente um imperativo moral, é também um imperativo político. Mostrar indiferença a esta frustração social equivale a incentivar o seu crescimento".

**10** Do original em francês: "*étant souvent un symptôme privilégié, si nous pouvons parler ainsi, de la crise aiguë que traverse le système capitaliste dans toutes ses dimensions*".